

Autorização concedida a Biblioteca Central da Universidade de Brasília pela autora Marina Nascimento Rebelo para disponibilizar o trabalho *O museu e a cidade: as relações do Museu do Amanhã com o entorno*, gratuitamente, de acordo com a licença conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da obra, a partir desta data. A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

#### Referência

REBELO, Marina Nascimento. O museu e a cidade: as relações do Museu do Amanhã com o entorno. In: SEMINÁRIO MUSEOGRAFIA E ARQUITETURA DE MUSEUS: TECNOLOGIA E DESCOLONIZAÇÃO, 7., 2021, Lisboa, Madrid, Recife, Petrópolis, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Rio Books, 2021. Disponível em: <https://arquimuseus.arq.br/seminario2021/wp-content/uploads/2022/01/2022-01-05-anais-seminario-redux.pdf>.

## O museu e a cidade: as relações do Museu do Amanhã com o entorno

Marina Nascimento Rebelo

### Entorno

A configuração do espaço público atua na organização social, expressando, refletindo, viabilizando e até condicionando as práticas sociais (JACOBS, 2001); portanto, o meio urbano é o sítio dos processos socioculturais.

*As relações sociais, políticas e culturais humanas produzem configurações e interações espaciais complexas, que apresentam concretamente as estruturas e os processos nos quais estamos inseridos. Ou seja, os centros culturais e museus (estes últimos nosso objeto de análise), bem como as políticas públicas, estão inseridos espacialmente em um ambiente social que possui características próprias, sendo daí inferido que é impossível a qualquer museu desvincular sua atuação desse contexto sócio espacial urbano específico. (CAVALCANTI, 2016, p. 9).*

Rebelo (2016) elucida que no final do século XX e no início do século XXI, o cenário cultural e turístico do ocidente sofreu um boom e edifícios com fins museológicos se tornaram a nova expressão de grandes arquiteturas criadas para e ocupadas por uma nova forma de museu, cujo conceito se aproxima daquele de Centro Cultural, como o Museu Guggenheim (Bilbao) e o CCSP (Centro Cultural São Paulo). Concomitantemente a essa tendência, observa-se, ainda, na contemporaneidade, que a relação arquitetura e museologia encontra um terreno fértil nas intervenções patrimoniais: arquitetura ocupada por museus ou por museus como centros de cultura.

Mas, além disso, existe um processo de utilização da cultura e memória social<sup>1</sup>, como política pública de globalização das cidades nacionais, como objetos turísticos, como foi explicado por Paola Jacques: No centro das cidades ditas históricas, o que ocorre ainda é mais inquietante, uma vez que essas áreas, a princípio, deveriam preservar a memória cultural de um lugar, de uma população e, muitas vezes, de toda uma nação. O modelo de gestão patrimonial mundial, por exemplo, segue a mesma lógica de homogeneização, ao preservar áreas históricas de forte importância cultural local, pois seguem normas de intervenção internacionais, que não são adaptadas de acordo com as singularidades locais.

Assim, esse modelo acaba tornando todas essas áreas – em diferentes países de culturas das mais diversas - cada vez mais semelhantes entre si. Essas áreas não somente se parecem cada vez mais, como se parecem cada vez mais com seus próprios cartões-postais, que também seguem um padrão internacional. É um processo de museificação<sup>2</sup> urbana em escala global: os turistas visitam o mundo todo como se visitassem um grande e único museu (JEUDY, 2001). A memória da cultura local – o que a princípio deveria ser preservado – perde-se em prol da criação de grandes cenários para turistas. (JACQUES, 2003, p. 33-34). Para Lemos Júnior (2011) a memória são as lembranças, reminiscências, vestígios e aquilo que serve de lembrança. A memória permite a construção da identidade individual e coletiva. Estabelece a relação entre o passado e o presente e permite vislumbrar o futuro. A memória é entendida como elemento fundamental na formação da identidade cultural individual e coletiva, na instituição de tradições e no registro de experiências significativas.

A memória é sempre atual, pois a qualquer momento podemos evocá-la. É vivida no tempo presente e está aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, alimenta-se de lembranças vagas, globais e flutuantes e cria sentimento de pertencimento e identidade. (LEMOS JÚNIOR, 2011, p.3)

De acordo com Rebelo (2016), os museus passaram por um processo de questionamento da sua forma tradicional, abrindo-se para uma perspectiva de reflexão sobre o seu lugar social (SUANO, 1986). Segundo Chagas (2000), essa relação museu e sociedade é um dos focos principais de questionamento e busca de alternativas ao modelo tradicional. O museu passa a ser apreendido pelas comunidades locais enquanto agente do processo de mudança social, sobretudo naquelas realidades com problemas culturais e sociais específicos, como as comunidades indígenas e negras, os bairros pobres nas grandes cidades. Esses novos museus são criados com um horizonte de expectativas distinto daqueles tradicionais. Contribuem para a preservação dos patrimônios ambiental e cultural local, mas se propõem a envolver diretamente as populações locais na gestão da memória coletiva e do seu acervo de problemas.

*O acesso à cidade, bem como o acesso aos equipamentos culturais que nela estão inseridos, tem correlação direta com a dinâmica da construção de memórias e identidades, mas não apenas ter acesso é fundamental, também as formas como esse acesso é dado na sociedade podem ser significativas para a circulação de ideias, informações, ideologias e quaisquer conhecimentos sobre o mundo (CAVALCANTI, 2016, p. 28).*

Museologia Social é um sistema que abrange diversas áreas do conhecimento e contempla um conjunto de ideias que busca alterar a estrutura dos espaços museais propondo novas possibilidades de ação destes. Para o IBRAM é uma vertente que defende que o museu seja apropriado como uma ferramenta de uso comunitário e participativo, para que as pessoas pesquisem, compreendam, salvaguardem e divulguem suas próprias histórias nos seus próprios termos.

A Declaração de Santiago, 1972, historicamente deu origem à Nova Museologia, conceito de museu integral que deveria desempenhar um papel fundamental na educação das comunidades. Posteriormente, a Declaração de Quebec, 1984, reitera esse conceito ao afirmar que a Nova Museologia é um movimento que trata da função social do museu.

É importante entender o papel do museu nesse contexto urbano e social contemporâneo. As instituições culturais e artísticas devem se entender não como árbitros do gosto, mas como lares criativos para as pessoas. Devem ser locais conduzidos por artistas, embaixadores de cultura, filósofos e ativistas. Devem ser plataformas para cultivar a imaginação pública, para construir redes densas e diversificadas, para transpassar pelas diferenças e para incubar ideias inovadoras que prosperam porque surgem de comunidades que se unem para abraçar a verdade, honrar a diversidade e buscar poeticamente a liberdade (CULLINAN, 2017, tradução nossa)<sup>3</sup>. Tendo isso em mente, as instituições devem propor constantemente ações de engajamento social e territorial.

*A importância do edifício do “museu” no espaço urbano modernista foi reconhecida por Le Corbusier quando utilizou o modelo de museu do crescimento ilimitado no projeto do novo cuore de Saint Dié. Provavelmente, esse plano serviu de inspiração direta para o projeto da Esplanada do morro de Santo Antônio, no qual o arquiteto carioca Afonso Eduardo Reidy reproduziu o desenho do museu corbusiano. [...] Os projetos de arquitetura de museus de arte moderna e contemporânea também poderiam ser observados na condição de exemplos expressivos das intenções modernistas de agregação da arte nas cidades e da consequente popularização das experiências artísticas (GUIMARAENS, 2010, p. 10).*

Outro espaço comumente adjacente aos museus brasileiros são as praças. Para José Lamas (2004), a praça é um elemento morfológico das cidades ocidentais e distingue-se de outros espaços, que são resultado acidental de alargamento ou confluência de traçados – pela organização espacial e intencionalidade de desenho. Sendo a praça uma estrutura urbana resultante dessa intenção de desenho e nos elementos que a caracterizam, como os edifícios, é um local que pressupõe vontade, desenho e programa.

A praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitárias e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas. (LAMAS, 2004, p. 102)

Inúmera vez se torna complexo definir se o entorno, praças, áreas ao ar livre, totens, objetos externos e afins são extensões dos museus ou não. Essa relação entre a instituição e a cidade é extremamente relevante quando se discute a experiência do usuário.

Trazendo a definição de entorno da área do patrimônio, temos um sentido de pertencimento, diálogo e relevância junto ao objeto principal.

O entorno de uma edificação, um sítio ou uma área de patrimônio cultural se define como o meio característico seja de natureza reduzida ou extensa, que forma parte de – ou contribui para – seu significado e caráter peculiar. Mas, além dos aspectos físicos e visuais, o entorno supõe uma interação com o ambiente natural; práticas sociais ou espirituais passadas ou presentes, costumes, conhecimentos tradicionais, usos ou atividades, e outros aspectos do patrimônio cultural intangível que criaram e formaram o espaço, assim como o contexto atual e dinâmico de natureza cultural, social e econômica. O significado e o caráter peculiar das edificações, dos sítios ou das áreas de patrimônio cultural com escalas diferentes, inclusive os edifícios, espaços isolados, cidades históricas, paisagens urbanas, rurais ou marinhas, os itinerários culturais ou os sítios arqueológicos advêm da percepção de seus valores sociais, espirituais, históricos, artísticos, estéticos, naturais, científicos ou de outra natureza cultural. Ainda, das relações características com seu meio cultural, físico, visual e espiritual. Estas relações podem resultar de um ato criativo, consciente e planejado, de uma crença espiritual, de acontecimentos históricos, do uso, ou de um processo cumulativo e orgânico, surgido através das tradições culturais ao longo do tempo. (ICOMOS, 2006, p. 2).

O entorno de um museu vai além do espaço físico adjacente, contempla também a população vizinha e estruturas urbanas próximas. Tendo isso em mente, o museu precisa se comunicar com seu entorno, de forma que o visitante e a população local possam absorver a noção de pertencimento junto à instituição antes mesmo de adentrar no edifício. Essa comunicação pode-se dar de algumas formas, entre elas: comunicação visual e comunicação funcional, essa última, por exemplo, com a realização de exposições, projetos e ações externas.

## **O Museu do Amanhã**

A expectativa e a curiosidade sobre a nova instituição se refletiu nas 36 horas do Viradão Cultural do Amanhã, em que o Museu recebeu 25.473 visitantes entre 10h do dia 19 de dezembro e 22h do dia seguinte, com entrada gratuita. Em seu primeiro ano de atividades, o Museu recebeu 1.311.308 visitantes (até novembro de 2016), sendo: 41% da própria cidade do Rio de Janeiro; 40% de outros estados do Brasil; 16% de outras cidades do estado do Rio; e 3% de outros países (MANZO, 2018, p. 79).

O Museu do Amanhã, obra do arquiteto Santiago Calatrava, situado na Praça Mauá, constitui-se como uma das obras mais emblemáticas e de maior visibilidade do Porto Maravilha, atraindo um grande número de visitantes desde a sua inauguração, que passeiam não só pelo Museu, mas também pela Praça e demais prédios vizinhos. O espaço possui capacidade estimada de 11,5 mil visitantes por dia.

Foi no final do século XVIII que o mercado dos escravos foi transferido para o Valongo, que também

havia recebido o Cemitério dos Pretos Novos, que o Cais tornou-se o principal local de desembarque de escravos do país, estimando-se uma população de 600 mil africanos. Contexto que proporcionou o surgimento de comércio, moradias e uma vida social local. Em 1763 o Rio de Janeiro se tornou a capital do país o que agravou ainda mais esse cenário de grandes mudanças e em pouco tempo na cidade.

Com a abolição da escravidão no país em 1888 tem-se uma transição cultural e política forte, principalmente com a intensificação da produção de café. Depósitos de café tomavam o local de venda de escravos e a exportação ganhava força como consequência da implementação de uma malha ferroviária abrangente.

Décadas depois, já no século XX, a mesma região estava inserida na região abrangida pelas duas grandes reformas urbanas da cidade<sup>4</sup> realizadas pelo Prefeito, Pereira Passos, e o Presidente da República, Rodrigo Alves. Entre as intervenções podemos citar a construção da Avenida Central e outras vias na região central e portuária, a demolição de milhares de moradias da população mais pobre, como cortiços e afins, a implementação de linhas de bonde e a pavimentação de diversas ruas. Ou seja, essas reformas traziam uma ideia estrangeira de modernidade e agravavam o déficit habitacional. Ainda no século XX, nas décadas de 20 e 30, houve outro plano de reforma urbana que intensificou ainda mais a segregação que permanece latente até hoje.

Em suma, trata-se de uma região urbana cheia de história e cicatrizes urbano-sociais.

O Porto Maravilha, projeto de revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro, é uma iniciativa urbano-cultural que teve grande impacto na comunidade local em que se insere. Este projeto compactua com um processo mundial de mercantilização da cidade, ou seja, um processo que determina uma nova relação entre o Estado e o setor privado e um novo tipo de turismo, que acabou por acirrar as desigualdades urbanas do centro da cidade do Rio de Janeiro através da gentrificação, como aconteceu em cidades como Curitiba, Buenos Aires, Montevideu, Nova Iorque, Barcelona e Bilbao.



Figura 1. Trecho Projeto Porto Maravilha, 2016.

Fonte: Prefeitura Rio de Janeiro.

Como instrumentos desse processo, foram construídos equipamentos culturais e de visitação pública, como o Museu de Arte do Rio (MAR) e o Museu do Amanhã, que deveriam ser articulados com o território, a paisagem e a malha urbana.

Partindo desse contexto, considerou-se, como hipótese inicial de trabalho, que os museus se relacionam com os locais e com as comunidades nos quais estão inseridos, promovendo transformações tanto no seu entorno quanto na cidade. Entende-se ainda que a partir da melhoria nessas articulações, seja possível buscar soluções não apenas para atrair visitantes, mas também para contribuir para o desenvolvimento social do espaço.

Busca-se, portanto, identificar as relações do Museu do Amanhã com a Praça Mauá, reconhecendo o local onde está inserido, bem como as comunidades envolvidas e o processo de produção e gestão do espaço onde se encontra. A partir dessa identificação, analisar tais relações e pontuar as lacunas com o objetivo de solucioná-las através de diretrizes.

O Porto Maravilha foi uma solução específica para problemas que provavelmente não seriam solucionados pelo Plano Diretor Estratégico do Município. Com um prazo de 30 anos para sua conclusão e custo de operação (em valores atuais) de 10,6 bilhões de reais, é a maior parceria público-privada da história do Brasil.

O projeto consiste na revitalização da chamada Área de Especial Interesse Urbanístico (AEIU) da Região do Porto do Rio, compreendida por 5 milhões de metros quadrados da Região Portuária do Rio de Janeiro. A implantação do projeto tinha como objetivo preparar a região para a Copa do Mundo FIFA de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016 e desenvolvê-la economicamente, criar novas oportunidades de emprego, moradia, transporte, cultura e lazer para a população local.

Pelo ponto de vista patrimonial, percebe-se uma seletividade das edificações com herança europeia em detrimento das de herança escravocrata e negra.

O projeto contemplava obras de infraestrutura e transporte, além da demolição do elevador perimetral, revitalização da Praça Mauá, Túnel Rio450, Museu de Arte do Rio, Museu do Amanhã, AquaRio, restauração do Centro Cultural José Bonifácio, jardins suspensos do Valongo, Teleférico da Providência, Memorial das ruínas do Cais Valongo, Memorial à Diáspora Africana, Museu destinado aos achados arqueológicos durante as operações na zona portuária entre outros. Entretanto, diversas obras não saíram do papel, e somente aquelas com visibilidade turística foram de fato implementadas.

Em 2003, o arquiteto Jean Nouvel foi selecionado para projetar o Museu Guggenheim Rio, no píer da Praça Mauá, o projeto não seguiu como resultado da oposição da sociedade em relação a marca Guggenheim, que cobraria um valor de 28 milhões de dólares para permitir o uso do nome da grife. Entretanto a ideia de implementar um museu internacional no local permaneceu.

Então, em 2011 a Prefeitura optou por uma parceria com a Fundação Roberto Marinho em vez de promover um concurso público para escolha do escritório responsável pelo projeto do museu. A FRM escolheu o escritório 'Santiago Calatrava Architects & Engineers'. O arquiteto líder do escritório é o espanhol Santiago Calatrava, responsável por projetos artísticos, esteticamente únicos, de grande complexidade e, também, carregados de polêmicas funcionais e econômicas.

Não é incomum a escolha de arquitetos internacionalmente conhecidos para concepção de projetos do tipo blockbuster<sup>5</sup>, como exemplos temos o Frank Gehry e o Guggenheim Bilbao, Santiago Calatrava e o World Trade Center Transportation Hub, Renzo Piano e o Centro Cultural Tjibaou, Rem Koolhaas e a Casa de Música, Jean Nouvel e o Louvre Abu Dhabi entre outros.

Os custos de construção deste museu são a grande parte das críticas públicas<sup>6</sup> ao local, algo recorrente no caso das obras de Santiago Calatrava. O arquiteto espanhol é mundialmente conhecido não só pelas obras monumentais, como o World Trade Center Oculus, em Nova Iorque, mas também por extrapolar os orçamentos em que seus projetos são aprovados. No caso do Museu do Amanhã, foi um aumento de R\$70 milhões, a um custo final de R\$213 milhões, outro exemplo é o arranha-céu Turning Torso, uma

torre residencial em Malmö (Suécia) teve um sobre custo de 170 milhões de euros, o que provocou várias demissões políticas na cidade, mas Calatrava tem recebido vários prêmios pelo desenho do projeto. Além disso, os edifícios de Calatrava são criticados, pois inúmeras vezes impõem altos custos de manutenção.

Em relação ao partido arquitetônico do Museu do Amanhã, inspirado na fauna, Malicheski (2019, p. 50) define:

*Seu corpo é composto por um invólucro de concreto conformando cobertura e fechamentos laterais, como um exoesqueleto que se projeta em balanço nas extremidades, ancorado lateralmente por dois pontos que tocam o solo e por pilares sobre os quais o flanco do réptil se equilibra, como se fossem patas. Aletas revestidas de placas fotovoltaicas o recobrem e se movem de acordo com a posição solar ao longo do dia, cumprindo o encargo da sustentabilidade ao fazer aproveitamento da luz do sol e melhorando o conforto ambiental. [...]. Aos fundos, vê-se a cauda com extremidade triangular, cuja claraboia cônica tem vértice apontado ao horizonte em sutil contraste formal com o desenho arredondado da boca no outro extremo, que de certo modo emula o ânus do animal.*

*O Museu possui três pavimentos, sendo um subsolo somente com área técnica e acesso restrito ao público.*

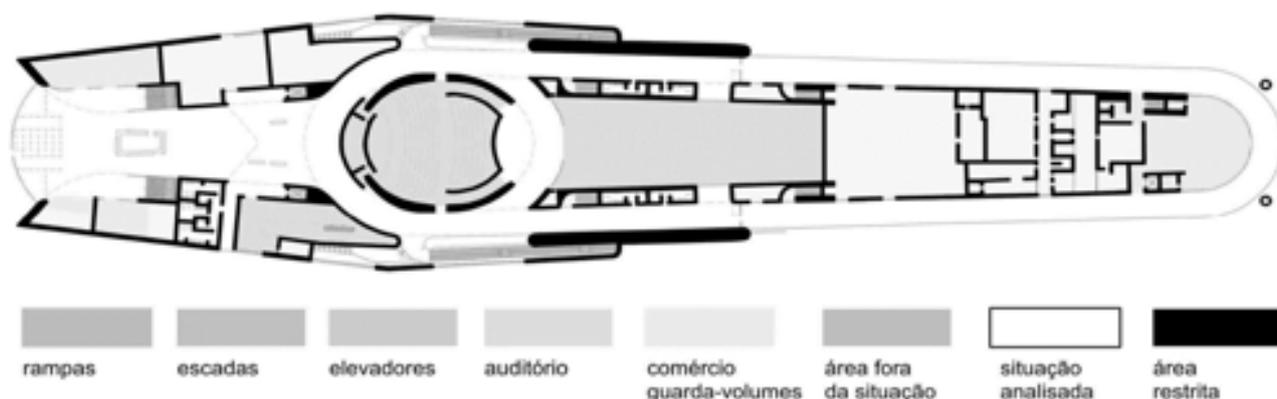


Figura 2. Planta baixa do primeiro pavimento do Museu do Amanhã.

Fonte: MALICHESKI (2019).

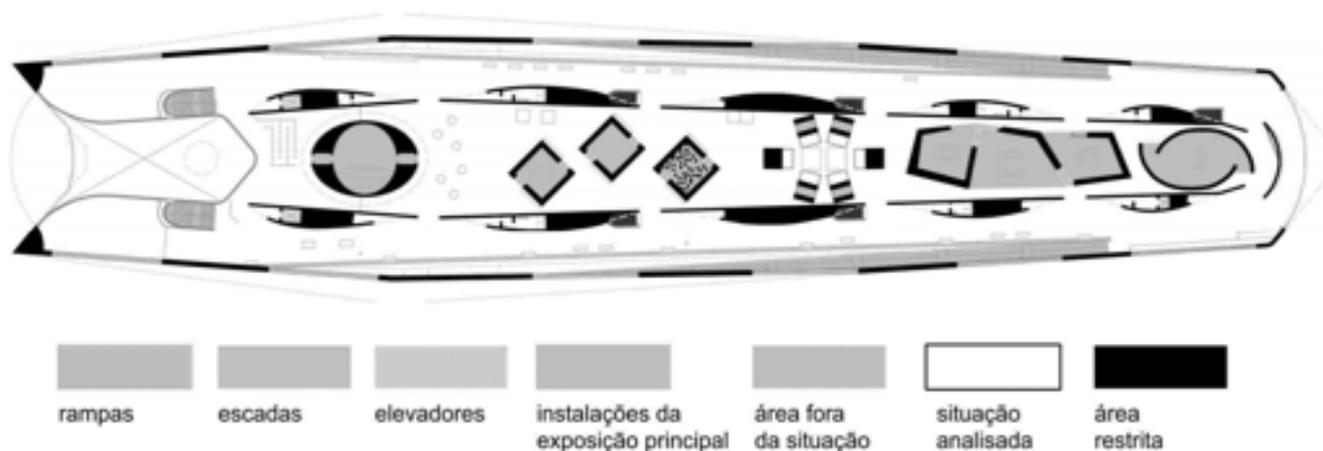


Figura 3. Planta baixa do primeiro pavimento do Museu do Amanhã.

Fonte: MALICHESKI (2019).

Outros aspectos de relevância projetual e vivencial na edificação são a iluminação natural e a apreciação da paisagem, que se dá através de grandes panos de vidro, e o projeto paisagístico com 5.500m<sup>2</sup> de área plantada, que não são objeto de análise desse trabalho, mas devem ser citados pela sua importância.

Para o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), o Plano Museológico deve ser elaborado com a finalidade de orientar a gestão do museu e estimular a articulação entre os diversos setores de funcionamento de instituições museológicas já existentes ou na criação de novas. É uma ferramenta de planejamento estratégico que deve ordenar e priorizar as ações a serem desenvolvidas pelo museu para o cumprimento da sua função social e constituir-se como um documento museológico que baliza a trajetória do museu.

*Em 2015, no plano museológico originalmente desenhado para a fundação do Museu do Amanhã, o panorama museológico brasileiro foi retratado com o marco das revitalizações e da criação de novos museus no Brasil, em busca de inovação e por uma autêntica musealização brasileira, ainda que marcados pela tendência de replicar modelos americanos e europeus.*

[...]

*Ao longo desses quatro anos, muitos museus, de todas as tipologias, ampliaram suas atuações pautando as causas sociais em suas narrativas expositivas, incluindo a participação pública em processos de curadoria, integrando minorias étnicas e grupos tradicionalmente excluídos por meio da criação de espaços de escuta e incorporação de múltiplas visões nas programações propostas. Essa nova postura passou a influenciar os conteúdos, as programações e os processos de trabalho dos museus. (MUSEU DO AMANHÃ, 2020, p. 9)*

Missão: apresentar o hoje, refletir sobre as tendências que vão moldar os próximos cinquenta anos e convidar o visitante para a ação, guiado pelos valores da sustentabilidade e da convivência.

Visão: ser agente de mudanças comportamentais, de atitudes, e incentivador de ações que transformem o cenário de museus para um olhar futuro que gere impactos globais para a melhor sustentabilidade e convivência no planeta.

Valores: ÉTICA – tudo no museu deve apontar para os eixos éticos: sustentabilidade e convivência. DIÁLOGO – um museu “de perguntas” tem a obrigação de ouvir e dialogar com seus interlocutores. OTIMISMO – é preciso confiar que as pessoas são capazes de encontrar soluções e transformar a realidade positivamente, sem o quê, não há força para engajamento. INOVAÇÃO – entusiasmo com ideias, métodos ou ações inovadoras.

O Museu do Amanhã é um museu público, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, gerido por uma Organização Social.<sup>7</sup> No Plano Museológico de 2020 são abordadas as potencialidades do museu através da análise SWOT<sup>8</sup>.

Dentre as características levantadas no campo da localização, entorno e praça, podemos citar:

- Pontos fortes: localização geográfica de fácil acesso e inserção em área de revitalização urbana do Rio de Janeiro;
- Oportunidades: fortalecimento do circuito cultural, que passa pela Praça Mauá;
- Pontos de atenção: amplo esforço para manutenção da colaboração dos vizinhos,
- Ameaças: degradação econômica da região portuária nos anos futuros passada a fase de euforia decorrente dos Jogos Olímpicos, com planos de revitalização ainda incompletos e declínio da segurança pública na região onde o museu está localizado.

É possível perceber que a região de inserção do Museu do Amanhã é sempre tratada no Plano Museológico com olhar crítico, talvez por ser pouco explorada.

O Museu conta com um programa intitulado “Vizinhos do Amanhã”, cujo trabalho é “acompanhar e participar do desenvolvimento social da região, convidando o morador a ser o protagonista dessas ações e a se reconhecer como agente transformador de sua comunidade” (MUSEU DO AMANHÃ, 2020). O Museu cadastrou cerca de 30 mil moradores da região portuária que têm direitos a entradas gratuitas, utilização da fila expressa, visita guiada, encontros e confraternizações para planejamento de atividades, convites para eventos e descontos na loja e café. Este programa deu origem também a outros projetos dentro da instituição como o Mauá 360 que convidou os moradores da região portuária para compartilhar seus conhecimentos sobre essa região da cidade, o programa contou com ações culturais e aulas.

### Sítio hoje, sítio amanhã

*Durante um evento de comemoração dos 450 anos da cidade, em 2015, o então prefeito do Rio, Eduardo Paes, fez a seguinte declaração publicada pelo jornal O Dia: “A Perimetral era como o Muro de Berlim, que separava a cidade da sua razão de existir, que é a Baía de Guanabara”. Ele acrescentou: “Foi ali no porto que o Rio de Janeiro começou o encontro da cidade com a sua história”. A fala é importante porque mostra como a demolição é interpretada como um ponto de virada para o novo projeto de ocupação daquele espaço urbano. (MANSO, 2018, p. 78).*

Diante da força que o turismo e a cultura assumem na virada do século XXI, os museus se tornam uma das opções mais realizadas de programas para divulgação e disseminação do turismo cultural e a prática preservacionista faz, também, uso deste programa, tanto para a ocupação de imóveis já existentes e em desuso e para intervenções urbanas, na qualidade de requalificação. É neste contexto que surge um fortalecimento do museu como programa de intervenções arquitetônicas e urbanas, sejam em edifícios já existentes ou não.

*As políticas urbanas baseadas na indeterminação e na instabilidade de configurações urbanas ignoram a continuidade espacial e histórica, bem como a homogeneidade arquitetônica e social. Esta estratégia aplica-se em geral às áreas degradadas e abandonadas como pátios ferroviários, terrenos recortados por viadutos, áreas portuárias desativadas, ou simples vazios urbanos que aguardam a valorização do solo. Como consequência o fenômeno da “gentrificação” surge da renovação e ou reabilitação urbana expulsando a população residente e valorizando o solo como mercadoria (LIMA, 2004, p. 1).*

Um discurso recorrente nas políticas públicas de renovação ou requalificação urbana é aquele de que a intervenção busca devolver a população a vida local, através de melhorias de infraestruturas urbanas e espaços públicos. Mas na verdade o que se tem são grandes projetos contemporâneos, muitas vezes assinados por arquitetos renomados, como exemplificado no capítulo 2. Entretanto, o que ocorre usualmente é a implementação de um novo tecido urbano que não se conecta com o entorno e os habitantes pré-existentes, o que acaba expulsando os residentes.

*Muitas tentativas têm sido feitas em cidades de todo o mundo no sentido de recuperar antigas áreas de valor histórico e cultural que estão atualmente degradadas, porém o que geralmente ocorre é*

*que as transformações de usos quase sempre provocam a expulsão dos residentes da área, em especial quando se trata da construção de grandes museus e centros culturais que só almejam incrementar o turismo e inserir a cidade no mercado de bens simbólicos dentro da economia global (LIMA, 2004, p. 1).*

Sob a ótica da gentrificação e da relação do usuário com a cidade, podemos analisar a relação do visitante do Museu do Amanhã com o sítio em que este está inserido. Na aba “marcado” do perfil do Museu do Amanhã na rede social Instagram é possível ver todas as fotos, de contas abertas, que o Museu foi marcado. Vamos analisar a relação do visitante com o Centro, a Praça Mauá e o Museu do Amanhã.

Através das fotos, convidamos o leitor a questionar, “o visitante do Museu vê a cidade, o contexto urbano, a história em que ele está inserido ou somente vê a arquitetura contemporânea sobre o mar?”

Através dessa amostragem de fotos do Museu do Amanhã é possível perceber que a maioria se divide em dois grupos: as fotos do Museu como arte, exemplificadas pelas fotos da arquitetura contemporânea de Calatrava e as fotos do Museu como cenário, exemplificadas pelas fotos pessoais tendo o Museu como plano de fundo.

É visível, a partir dessa fonte<sup>9</sup>, como o entorno não é visto pelo visitante do Museu do Amanhã. É importante aqui especificar que entorno é esse, trata-se do Centro do Rio de Janeiro, do Morro da Conceição, da Praça Mauá, do Museu de Arte do Rio, da Baía de Guanabara, do Porto, dos Navios e até do transporte público Veículo Leve sobre Trilhos (VLT).

## Conclusão

A política pública de requalificação de sítios centrais abandonados, parques ferroviários, portos, favelas ou mesmo espaços segregados por viadutos, em espaços cenograficamente aprazíveis, e consequentemente turisticamente prazeroso, não se fundamenta em processos participativos onde a continuidade histórica-espacial é uma diretriz base. Essas operações urbanas se baseiam, em maioria, na estratégia capitalista da valorização imobiliária local.

Através dos exemplos apresentados e da análise realizada, é sintomático que o projeto Porto Maravilha, contemplado pela arquitetura blockbuster de Calatrava, segregou o sítio do local inserido e, além disso, é absorvido e transmitido pelos visitantes como algo alheio, aquém, e não como o Centro do Rio de Janeiro que é.

Nesse sentido, é importante que o Museu do Amanhã, equipamento cultural de porte relevante, busque soluções imediatas para esse hiato. Um Museu que trata do nosso futuro como sociedade, e tem uma exposição permanente que busca abrir os olhos do visitante quanto ao seu papel e influência direta no mundo, deveria abrir os olhos destes, também, para o entorno e a realidade do sítio que eles se encontram.

As ações de reconhecimento urbano e histórico-locais devem se expandir para além dos vizinhos do Museu, vide programa Vizinhos do Amanhã, que já são muitas vezes detentores desse conhecimento, e contemplar também os turistas e visitantes. Tais ações podem se dar dentro do Museu e fora, como na Praça Mauá, no Centro e no VLT.

## Referências

AS CONTROVERSAS obras de Calatrava (“pai” da Gare do Oriente): arte ou desastre?. Idealista/News, Lisboa, 06 nov. 2015. Disponível em: <https://www.idealista.pt/news/imobiliario/internacional/2015/11/05/29154-as-controversas-obras-de-calatrava-arte-ou-desastre>. Acesso em: 25 fev. 2021.

CAVALCANTI, Hannah da Cunha Tenório. Espaços museais e memórias sociais na zona portuária do Rio: o Instituto dos Pretos Novos. 2016. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do

Estado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

CHAGAS, Mário. Memória e poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS, 2., 2000, Rio de Janeiro. Caderno de textos e resumos. Rio de Janeiro: NOPH/MINOM/ICOFOM LAM, 2000.

CULLINAN, Deborah. Civic engagement: why cultural institutions must lead the way. Stanford Innovation Review, 2017. Disponível em: [https://ssir.org/articles/entry/civic\\_engagement\\_why\\_cultural\\_institutions\\_must\\_lead\\_the\\_way](https://ssir.org/articles/entry/civic_engagement_why_cultural_institutions_must_lead_the_way). Acesso em: dez. 2020.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. Conceitos-chave de Museologia. Tradução: ICOM Brasil. São Paulo: Armand Colin, 2013. (Original de 1993).

GUIMARAENS, Cêça. Arquitetura, Patrimônio e Museologia. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 1., 2010, Rio de Janeiro. Simpósio: trabalhos completos. Rio de Janeiro, 2010.

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES. Declaração de Xi'An sobre a conservação do entorno edificado, sítios e áreas do patrimônio cultural. Xi'An, 2005. Tradução: ICOMOS/BRASIL, 2006. Disponível em: <https://www.icomos.org/charters/xian-declaration-por.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2020.

JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JACQUES, Paola. Patrimônio cultural urbano: espetáculo contemporâneo?. Revista Rua, Salvador, 2003.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LEMES JÚNIOR, Clésio Barbosa. Patrimônio cultural: conceitos, proteção e direito pela educação patrimonial. IX Semana Nacional de Museus/III Semana Nacional de Museus na Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2011.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. Configurações urbanas cenográficas e o fenômeno da "gentrificação". Arqtextos, ano 4, mar. 2004. Disponível em: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/04.046/601>. Acesso em: 17 mar. 2021.

MALICHESKI, Isadora Finoketti. Contradições na especialidade do Museu do Amanhã: o percurso do edifício e o percurso da curadoria. 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

MANSO, Bruno Lara de Castro. Museu do Amanhã: uma nova proposta de museu de ciência?. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2018.

MUSEU do Amanhã. Marcados. Disponível em: <https://www.instagram.com/museudoamanha/tagged/?hl=pt>. Acesso em: 21 mar. 2021

MUSEU do Amanhã. Plano Museológico. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/91277/4298407/03AnexoVIdoProjetoBasicoPlanoMuseologicoMuseudoAmanha.docx>. Acesso em: 25 out. 2020.

PÁSSARO de Calatrava sofre para decolar no Marco Zero de NY. El País, Nova York, 18 jan. 2015 (JIMENEZ, Vicente). Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/17/cultura/1421507055\\_930866.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/17/cultura/1421507055_930866.html). Acesso em: 25 fev. 2021.

REBELO, Marina Nascimento. Por que museu? Uma reflexão acerca das intervenções arquitetônicas, com fins museológicos, em edifícios patrimoniais. Ensaio Teórico - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. Brasília, DF, 2016.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura. Porto Maravilha. 2020. Disponível em: <https://www.portomaravilha.com.br/>. Acesso em: 25 out. 2020

SANTIAGO Calatrava colecciona fãs... e também críticas [Santiago Calatrava recolecta seguidores... y también críticas]. ArchDaily Brasil, 18 dez. 2013. (FRANCO, José Tomás. Trad. Santiago Pedrotti, Gabriel). Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-160859/santiago-calatrava-colecciona-fas-dot-dot-dot->

e-tambem-criticas ISSN 0719-8906. Acesso em: 25 fev. 2021.

SILVA, Mayara Graziela Consentino Ferreira da. Algumas considerações sobre a reforma urbana Pereira Passos. *Revista Brasileira de Gestão Urbana: urbe*, Curitiba, v. 11, 2019.

SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

## Notas

- 1 “O campo de estudos e de pesquisas sobre a Memória Social tal como formulado pela Escola Sociológica Francesa, em especial por Maurice Halbwachs, introduziu a questão de que, em todas as sociedades, se verifica a dinâmica entre lembranças e esquecimentos, ou seja, de que todas as sociedades precisam lembrar-se de umas coisas e esquecer outras, tendo em vista a necessidade de atualização permanente dos laços sociais. Do ponto de vista das Ciências Sociais, a Memória Social está, pois, indissolivelmente ligada ao aspecto holista da sociedade, o que o antropólogo Louis Dumont qualificou de “*communitas*” – a feição de agregação entre os indivíduos no espaço e no tempo” (GONÇALVES, 2007, p. 263).
- 2 “Segundo o sentido comum, a musealização designa o tornar-se museu ou, de maneira mais geral, a transformação de um centro de vida, que pode ser um centro de atividade humana ou um sítio natural, em algum tipo de museu. A expressão “patrimonialização” descreve melhor, sem dúvida, este princípio, que repousa essencialmente sobre a ideia de preservação de um objeto ou de um lugar, mas que não se aplica ao conjunto do processo museológico. O neologismo “museificação” traduz a ideia pejorativa da “petrificação” (ou mumificação) de um lugar vivo, que pode resultar de um processo e que encontramos em diversas críticas ligadas à ideia de “musealização do mundo”. De um ponto de vista mais estritamente museológico, a musealização é a operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em um “objeto de museu” que se integre no campo museal.” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 1993, p. 58).
- 3 Tradução livre da autora. Texto original: “arts and culture organizations must understand themselves not as arbiters of taste, but as creative homes for the people. They must be places driven by artists, culture bearers, philosophers, and activists. They must be platforms for cultivating public imagination; building thick and diverse networks; convening across differences and sectors; and incubating breakthrough ideas that stick, because they spring from communities that come together to embrace truth, honor diversity, and poetically pursue freedom.”
- 4 A Reforma Urbana Pereira Passos foi uma tentativa de europeização e aburguesamento da cultura por meio de arquitetura, ideais e costumes. A Europa, especialmente as cidades de Paris e Londres, era tida como um modelo de civilização, progresso e modernidade a ser seguido. O progresso era sinal de desenvolvimento material; a civilização de comportamento pautado em um ideal burguês europeu; a modernidade no embelezamento e no saneamento relacionado a sair de um passado colonial e se adequar a um novo presente, certamente europeu. Dessa forma, as mudanças na capital tiveram um caráter urbanístico, sanitário e também comportamental, e a transformação da cidade se deu em um nível simbólico-espacial.  
 Uma frase muito usual na época era “o Rio civiliza-se”, que demonstra todo esse imaginário. [...]. Na verdade, existiram duas reformas urbanas: uma executada pelo governo municipal, e outra executada pelo governo federal, ambas com ideais diferentes. [...]  
 A reforma municipal, gerida por Pereira Passos, por mais que não tenha deixado de lado os aspectos urbanísticos e sanitários, deu bastante importância para os aspectos comportamentais, muito em função do conceito de civilização que regeu a reforma do prefeito. [...]  
 A reforma federal, ocorrida no governo de Rodrigues Alves, dirigida principalmente por Lauro Muller e

Francisco Bicalho, priorizou os aspectos urbanísticos e sanitários. (SILVA, 2019).

- 5 Termo usual utilizado no campo arquitetônico para se referir a projetos ou construções âncoras, ou seja, que atraem público para o local pelo simples fato destas existirem, arquiteturas do espetáculo.
- 6 Algumas críticas: <https://www.archdaily.com.br/br/01-160859/santiago-calatrava-coleciona-fas-dot-dot-dot-e-tambem-criticas> ; [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/17/cultura/1421507055\\_930866.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/17/cultura/1421507055_930866.html) ; <https://www.idealista.pt/news/imobiliario/internacional/2015/11/05/29154-as-controversas-obras-de-calatrava-arte-ou-desastre>
- 7 Organização Social é uma entidade privada, sem fins lucrativos, que pode receber determinados benefícios do Poder Público (dotações orçamentárias, isenções fiscais etc.), para a realização de seus fins.
- 8 Análise SWOT (Strengths Weaknesses Oportunities Threats), ou análise FOFA (Força Oportunidades Fraquezas Ameaças) é uma técnica de planejamento estratégico de projetos.
- 9 MUSEU do Amanhã. Marcados. Disponível em: <https://www.instagram.com/museudoamanha/tagged/?hl=pt>. Acesso em: 21 mar. 2021.